

As sete dores
de N. Senhora



COELHO NETTO

COELHO NETTO

As sete dores de N. Senhora

Com uma carta de S. EMINÊNCIA
O Cardeal ArceBispo
D. JOAQUIM Arcoverde

EDIÇÃO DEFINITIVA



PORTO

LIVRARIA CHARDRON de ÉLO & IRMÃO, Ld., edil.
PUA DAS CARMELITAS, 144-

Aillaud e Bertrand Lisboa Paris

1922

Obras de COELHO NETTO

- Sertão.*
A Bico âe Pena.
Água de Juvenia,
Romanceiro.
Teatro, vol. I, (*O Belicário, Os Baios X, O Diabo no corpo*).
Teatro, vol. U, (*As Estações, Ao Luar, Ironia, A Mulher, Fim de Baça*).
Teatro, vol. IV, (*Quebranto, comédia em 3 actos, e o sainete Nuvem*).
Teatro, vol. V, (*O dinheiro, Bonança, e o Intruso*).
Fabulário.
Jardim das Oliveiras.
Esfinge.
Miragem
- Apólogos, contos para crianças.*
Inverno em Flor.
Mistérios do Natal, contos para crianças.
O Morto.
Bei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dores de Nossa Senhora.
Baladilhas.
NO PRELO:
Patinho torto

As Sete Dores de N. Senhora

Os quadros d'As Sete Dores da Santíssima Virgem Maria, escriptos pelo Sr. Coelho Netto, são um mimoso volume de interessantes e amenas leituras religiosas, que, pela sua elegância e belleza, prendem e recreiam o espirito e captivam o coração.

O assumpto nada perdeu da sua natural majestade sob a penna delicada de tão abalissado litterato e aprimorado estylista, que o tratou com carinho, simplicidade e elegância de arte.

É um mimoso ramalhete colhido por mão

de mestre no precioso jardim da litteratura, contornado de bellas imagens e ajustado cm finíssimas gazes de aprimorado estylo.

É, pois, esse um livro ao qual não regatearemos nossos francos elogios e o nosso IMPRIMATUR, e ao seu Autor com abundância de coração damos a nossa benção.

Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1907.

J. CARD. ARCEBISPO.

I

A prophecia no Templo

Eram passados quarenta dias sobre o nascimento de Jesus, e, seguindo o preceito do Levitico, que prescrevia, ao fim d'esse prazo, a purificação das mulheres que gerassem varões, Maria e José dirigiam-se ao Templo, com o infante, levando o casal de rôlas e os cyclos de prata do resgate, que era quanto a Lei exigia dos pobres.

A manhan, luminosa e serena, fizera affluir ao Templo desusada concurrencia.

Os mercadores, sentados em tapetes e em cócedras, á beira das tendas ou diante dos. taboleiros, offertavam, com louvores, as suas louçainhas : télas de finíssima trama entresachada de ouro, estragulos de purpura sanguinea, turbantes entremeiados de perolas,

saios de linho, abas de lan ; joias de ouro lavrado, pedras raras, armas de gume tão fino que cortavam no ar um fio de seda, lanças de pontas rendilhadas; talismans contra molestias,ervas dos montes que, maceradas em oleo, davam um balsamo efficaz na cura de toda a ulcera, philtros de virtude erotica ; bolos de farinha e mel, frutos acamados em folhas frescas; cordeiros alvos e pombos sem mancha para as offertas da Lei.

Ainda os havia paupérrimos: idumêus bronzeados, que levavam na ponta das tunicas feixes de raizes, seixos das correntes, ramos de flores murchas que reviviam a um fresco rorejo.

Um velho psylo, de longas barbas alvas, tamborilando com duas varas no bojo de um odre, fazia dançar aos torcicollos uma negra serpente ou, espalhando no manto estendido fina arêa dourada, soltava por ella um escaravelho, e, attentamente, ia lendo o destino dos consultantes nos arabescos deixados pelas patas do insecto.

Muitos casaes entravam e pobres, enfermos, alrotando, descobrindo chagas que sangravam, cegos com os dedos nas orbitas vazias apiedavam narrando misérias.

Moedas tiniam, rolavam nas lages, e era um precipitar tumultuoso de maltrapilhos, de aleijados; barbarisando protestos, por vezes pugilatos entre os infelizes que se engalfinhavam com furor disputando um óbulo.

Maria, entrando no Templo, lembrou-se da sua adolescencia, dos annos felizes passados no claustro.

Ali haviam decorrido os dias melhores da sua vida sem dôres, sem pensares, só com o cuidado em Deus. Ali chegara-lhe a noticia da morte dos seu velhos pais. Chorara longamente a sua orphandade, mas na companhia das donzellas consagradas ao devoto serviço, a que também fora dedicada, o consolo seccou-lhe as lagrimas sem, comtudo, apagar-lhe a saudade no coração. Todavia a certeza de que os dois velhinhos, tão meigos, tão justos, sempre fieis á Lei, teriam recebido o premio eterno do Senhor, abrandara-lhe o soffrimento d'alma.

D'ali, sem conhecimento da vida, ignorante de tudo, sahira para os esponsaes, começando a soffrer desde a hora vesperal em

que, num afogueado morrer do sol por traz das collmas de Nazareth, estando a orar junto á janella, que um sycomoro empanava de folhagem, vira, subitamente, a casa illuminar-se, encher-se de perfume, e deram seus olhos deslumbrados com a belleza mystica de um anjo, alvo, fúlgido como de neve, louro como coberto de sol, tendo á mão uma vara florida, que lhe falara em nome de Deus, annunciando o mysterio da grande Genese.

A Virgem deteve os passos, cançada, sorrindo ao Filho que dormia á sombra do véu fino que lhe descia da cabeça envolvendo-lhe o busto.

José acercou-se do grupo e ficaram, um momento, contemplativos.

Quem os visse diria que estavam, como estrangeiros, admirando a construcção magnífica do grande rei, na qual trabalharam, até a morte, trezentos mil operários, uns de Israel, outros de Zidon, fiscalizados por hábeis mestreaes de Byblos, peritos em brocar as pedreiras e em polir os blocos ; sem contar os que abateram os cedros, exploraram as minas, teceram os pannos, esculpiram os lenhos, ou, sob as ordens de Hiram, o artista de sangue tyrio, floriram os

capiteis, entorsalaram as columnas em festões de flores entremeiadas de romans e ainda fundiram, a grande piscina chamada o *Mar de hynze*, cercando-se de copas, entre açucenas e coloquintidas, e montando-a sobre doze touros, voltados, três a três, para os pontos cardeaes, em cujo bojo, dia e noite, sem descontinuar, golfava, a jorros, a agua das cisternas para as abluções dos sacerdotes.

De tal altura dominava-se toda a cidade com as suas muralhas irregulares, a rotunda torre Antonia, scintillante d'armas, o casario branco, em cubos, alvejando no verdor dos eidos ; muros eriçados de hervas crespas, espinhosos cardos esgalhados, altos, frondosos sycomoros, á cuja sombra dormiam rebanhos, os olivae das colunas, as frescas cisternas entre figueiras e, longe, a torrente espumosa, os montes, os campos, as estradas que seguiam para as terras ferteis ou enviezavam para os desertos estéreis.

O sol começava a aquecer, os pombos desertavam o pateo e, no interior augusto do Templo, um cântico reboou.

Entraram.

De todos os angulos do immenso recinto

subiam finos novellos de fumo adensando-se em nuvem cerulea que se estendia, alastrava, ondulando, de leve, na altura, como um velario fluidico.

Maria descobriu o rosto lindo do Infante, que ainda dormia.

Justamente passava por cila, a passos vagarosos, um velho sacerdote chamado Simeão.

Subito tremor agitou-o. Deteve-se e, com o venerando rosto illuminado por um sorriso beato, os olhos arrasados de pranto, tremulo, voltou-se para a Senhora, estendeu os braços que a idade enfraquecera e, tomando o Menino, mirou-o com religiosa ternura, sem dizer palavra, tão grande era a emoção de sua alma.

Encarou de fito a Virgem e, tornando com o olhar ao Infante, que lhe sorria, bradou arrebatado :

— Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra, porque os meus olhos viram a salvação, que és Tu, que vens aparelhado e surges ante a face dos povos, como Luz para alumiar as nações e engrandecer e giorificar Israel!

Os pais, recolhidos em timidez, não sa-

biam que pensar d'aquelles dizeres vagos e pasmaram do jubilo e das lagrimas do santo homem que inclinava a cabeça branca sobre Jesus, sem animo, todavia, de impor-lhe os labios ao corpo, como em receio de profanação.

De novo, porém, e em mais vivo brilho, accendeu-se-lhe o olhar mortiço o, passando o Pequeno aos ansiosos braços maternas, disse em tom prophético, abençoando o casal submisso :

— Eis aqui está o Menino que será ruina e salvação de muitos em Israel, e será o alvo a que mire a contradição. E dirigindo-se a Maria, suspensa das suas palavras, ajuntou: E. será também uma espada que trespassará tua alma para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.

A taes palavras a Virgem estremeceu apertando, com ansia, ao collo o Filho pequenino e, envolvendo-o em um olhar que o pranto conturbava, ficou petrificada, sem energia para tirar-se do lugar em que fora ferida pela prophesia dolorosa.

Simeão demorava ainda junto á Familia humilde, contemplando o Menino, quando uma turba, de mendigos avançou seguindo os passos lerdos de uma velha.

Anna era o seu nome, filha de Fanuel, da tribo de Aser, quasi octogenaria. Sentira, em inspiração, a presença de Deus e, na sua velhice, visinha da morte, tivera a ventura de vêr de face o Salvador,

Era prophetisa e passava os dias no Templo occupando-se em misteres piedosos.

Em Jerusalem e nas cercanias o seu nome era pronunciado com veneração e as suas palavras valiam promessas se eram de bom agouro, ou faziam tremer, como sentenças, se annunciavam desgraças. Se, á beira de um leito, onde jazesse enfermo abandonado da propria esperança, dissesse que elle havia de sarar, era certo vê-lo, dias depois, ao soalheiro, reentrado na vida, narrando o milagre da sua resurreição.

Nunca a sua boca presagiara catastrophes quee se não vissem as torrentes incharem, transbordarem dos leitos pedregosos transformando os campos em alagadeiros ou prolongar-se o estio em seccura, esturrando os pastos, queimando o trigo o a vinha, entrezinhando os rebanhos.

Ás vezes, levantando-se d'impeto, mostrava, com tremulo e consternado gesto, o deserto amarello, falando em sombras vivas,

em nuvens assoladoras e, dias depois, como uma tormenta que viesse crescendo do lado das arêas quentes, o céu escurecia com estranho soído--eram os gafanhotos que chegavam.

Nunca se lhe fizera consulta a que não respondesse com a verdade, abrindo o sorriso ou desatando lagrimas.

E assim a sua voz era escutada com fé.

E Anna adiantou-se em passo vagaroso e tremulo, arrimada ao bordão e, ante o Menino, vergaram-se-lhe os joelhos e todos os mendigos prostraram-se com ella.

E a velha disse, de mãos postas, com ardoroso accento e as lagrimas a quatro e quatro pelas faces encarquilhadas:

— Senhor, sois Vós o Messias annunciado desde os dias mais antigos de Israel. Ainda o homem dormia debaixo de ramos, perto das dunas, nos desertos, pascendo rebanhos, armado contra as algaras dos nomades e já os anjos, descendo do céu pelo cimo dos montes, falavam de Vós aos pastores, no campo ou sentados com intimidade á mesa dos patriarchas. Os prophetas apregoaram o vosso advento.

Ventura grande é a de meus olhos que conservaram luz até Vêr-vos.

Delicia immensa foi reservada aos meus labios que ainda lograram beijar-vos, Senhor.

Bemdito seja o ventre em que esperastes a voz que Vos chamou á vida.

Não foste gerado, apenas entrastes no seio humano, embebendo-vos no soffrimento como a esponja encharca-se d'agua em que mergulha.

Vindes enxugar a lagrima da angustia e estancar o sangue dos flagicios. Sois a benção divina, redemptora das almas, purificadora da terra.

Vivereis como o sol e morrereis em sangue, na cumiada, para, á voz dos anjos, reaparecerdes, depois da noite triste, mais fulgurante e mais vivo, na insurreição que será a aurora do dia. eterno.

Sois o levêdo que fará crescer o pão da misericordia.

Bem haja o tempo em que Vos revelastes.

Ai! de ti, mulher! Os maus o levarão do teu amor sem piedade de tuas lagrimas, sem pena dos teus gritos e farão delle a victima propiciatoria, sacrificando-o no altar do monte.

Os mendigos ouviram, pasmados, sem entenderem as palavras mysteriosas da prophetisa.

Mas o coração de Maria transbordava de angustia e a desventurada não se arredaria do ponto do soffrimento se José a não tirasse pelo braço, levando-a ao Tabernaculo onde deviam cumprir o preceito da Lei.

Ó a triste volta a Nazareth !

Caminhos por onde descera contente, sorrindo á felicidade, ia-os, então, trilhando a soluçar.

Pobre coração alvoroçado! Sentir agarrada a si vida tão nova e tão linda e já cuidar no doloroso fim que lhe reservava o destino !

As palavras de Simeão que a velha confirmara. . .!

Que lucra uma alma em conhecer o futuro ?

Deus, quando fez os horizontes, foi para encobrir o fim das jornadas.

A vida é um livro que deve ser folheado pagina a pagina, sem que se consulte o indice.

Conhecer o futuro é soffrer a dôr antes que se abra a chaga, é cintillar a lagrima antes que abrolhe a angustia, é vêr a noite em

pleno dia, é gemer com o pungir da frecha antes que a despida o arco.

Porque a não deixaram mãe, com a esperança das mãis, que é sempre venturosa, expondo-lhe logo aos olhos o transitto afflic-tissimo da vida do seu filho ! ?

Havia de passar o tempo dos beijos e dos sorrisos em conjecturas de tristeza, soluçando debruçada sobre um berço que já lhe parecia esquife ?

Ó precursores nefastos da agonia!

Caminhos floridos, como depressa vos mudastes em carrascaes espinhosos! Pobre mãe! d'olhos abertos sobre a genitura triste do seu amado, lá ia, sem vêr as bellezas, sem ouvir as vozes encantadoras das aves, das aguas e das folhagens, harpas dos ventos, só escutando o coração, que gemia sobre o futuro tão mal fadado do pequenino, innocente e formoso Jesus.

II

A fuga para o Egypto

Hora alta.

Pelos campos tudo era névoa. Não se ouvia, voz humana nem queixa de ovelha e, a não ser o brilho de algum fogo de aprisco, nos cerros, a noite tinha vida apenas no céu alto onde as estrellas scintillavam limpidas.

No casebre, alumiado por uma lampada de barro, o silencio era, de vez em vez, aflorado por um leve suspiro de Maria.

Ainda dormindo os cuidados não a deixavam: seus sonhos eram tristes.

Não raro despertava em sobresalto. Afflicta, chorando, estendia os braços para o berço de vime onde Jesus dormia e, extatica, d'olhos nelle cravados, ali se ficava em adoração, vendo-o tão lindo, adormecido sobre

os linhos alvos, com os bracinhos abertos como um pequenino crucifixo de marfim.

Pobre coração sem socego ! Todos os rumores alvoroçavam-no.

Se uma rola perdida no colmo turturina, a pobre mãe erguia-se de vagarinho, punha-se de joelhos, attenta, á escuta ; se o vento lavava nos campos logo, sollícita, apanhando todos os trapos que encontrava, punha-se a calafetar as frinchas para que os avisos do inverno, trazidos na respiração da noite, não, chegassem ao pequenito.

José procurava tranquillizá-la :

— Não te fies no coração, é vigia que não discerne e alarma-se com o menor ruido. Que podes temer na terra amiga em que vivemos ?

— Tudo, senhor. As mais não vivem tranquillias porque são avaras. Não ha guarda que lhes baste : a torre mais forte parece-lhes sempre fragil. Meu coração bate agora com mais força do que dantes batia para manter-me acordada e, se adormeço, logo minha alma debate-se em pesadellos. Fico como uma casa. deserta em que esvoaçam istryges. Que posso eu temer ? tudo.

E, toda a noite, de instante a instante, erguia-se a criatura amorosa, d'olhos muito

abertos sobre o filho e adormecia inclinada ao berço e, ainda dormindo, machinalmente o balançava.

José deitara-se na arca e adormecera, com uma ponta do manto sobre o rosto e viu, em sonho, um anjo — o mesmo que lhe apparecera para confortar-lhe o coração envenenado pela suspeita — que lhe disse :

— Ergue-te, leva o Menino e sua Mãe e foge para o Egypto. Lá ficarás até que eu te avise, por que Herodes ha de buscar a Jesus para o matar.

Levantou-se de prompto o patriarcha — extinguiu-se a chamma da candeia, mas o luar, infiltrando-se por uma aberta do colmo, fizera sobre o berço do Infante um cortinado de luz — despertou Maria e, dizendo-lhe o que sonhara, ajoelharam-se ambos dando graças a Deus pelo aviso e, á pressa, reunindo o que puderam, tomou a Virgem o Menino, agasalhou-o ao collo e, trancando a porta do casebre, puzeram-se a caminho.

Abandonando as estradas procurou José os trilhos mais agrestes, veredas pedrentas, carreiros beirados de espinhaes, por montes, porque assim evitavam encontros.

Occultando-se durante o dia, só á noite

caminhavam protegidos pela treva; ainda assim mal presentiam rumores, logo precipitadamente refugiam escondendo-se em bosques, enlappando-se em furnas ou cosendo-se com os penhascos até que passassem os caminheiros.

Então deixavam os esconderijos e, de novo, cautelosamente, retomavam o passo.

Ao romper d'alva José, agasalhando a Virgem e o Menino em lugar seguro, aventurava-se em busca de alimentos.

De uma feita, pousando em deserta, charneca, Maria, que sempre se mostrara resignada não articulando queixa, não pode conter as lágrimas. É que a sêde, longamente supportada, ia-se tornando em fogo que a consumia. Os lábios fendiam-se-lhe, vertigens abalavam-na obscurecendo-lhe a vista e, ávida, em delírio, febricitada, ouvia o fresco murmúrio de fontes em torno, mas andando com o olhar em volta, via apenas arêas e raízes retorcidas.

Queixou-se, então, mas a sua queixa foi ainda um cântico de amor :

-- Não é pelo meu sofrimento que choro, disse, mas pelo receio que tenho de que o leite estanque em meus peitos. Estas mesmas la-

grimas são desperdícios da minha fraqueza, pudesse eu absorvê-las para que se transformassem em leite e assim o meu soffrimento serviria para nutrir o meu amor e, enquanto durasse a minha angustia, elle teria garantido o alimento. Mas as lagrimas perdem-se. Ai! de mim.

José procurava por toda a parte uma fonte, um resto d'água em concavo de rocha, mas tudo era aridez.

Uma lagrima, porém, rolando dos olhos de Maria, cahiu na dura encosta de um penedo e logo a pedra reluziu como se a alagasse um suor. Um fio d'água brotou, desceu pelas arestas enchendo-se, engrossando, alastrando em lençol alvo e frio e ajuntou-se na terra entre o pedregullio adusto.

José deteve-se pasmado, mas a sede tirou-o do espanto. Então, reunindo-se á Virgem, que se ajoelhara e orava, louvaram ambos o Senhor, o mesmo Deus de bondade que respondera aos clamores de Agar, no deserto, e que ali, de novo, revelava-se. Depois, inclinando-se, beberam a goles fartos d'a-quella água misericordiosa que nascera da baga de pranto como de uma semente.

E disse Maria:

— Senhor, se as proprias pedras do deserto commovem-se com as supplicas do meu coração, porque não ha de o homem ouvi-las ? Que mal pôde trazer ao mundo uma criança que nem ainda se firmou na terra, porque não anda ? que ainda não pode soltar o pensamento por falta da aza, que é a palavra ? Que ma pôde fazer um innocento para que assim o persigam ?

E José respondeu :

— Sigamos. O coração do máu é pedra que se não converte. O rochedo gera a fonte, se o ferires responderá com a centelha; o coração dá a lagrima e flammeja em ódio. Ha corações, porém, que são feitos de neve : nelles a lagrima está petrificada : brilham, mas não têm lume. Para esses não ha piedade nem colera, são os impassiveis, os indifferentes: corações brancos, corações diaphanos, corações vazios.

Outros ha que fervem em ódio perenne, são corações de bitume abrasados em ira.

Não compares os corações dos maus ás pedras misericordiosas.

Emquanto foram pela Galiléa sempre se lhes depararam pousios: cavernas escusas, que eram asylos de algáras, aduares de nomades. Entravam por ellas e, sem receio, agasalhavam-se.

E nunca lhes succedeu serem incommodados pelos moradores, ou fosse porque andassem em razzias pelas estradas mais corridas, ou fosse porque os contivesse á distancia a Providencia que velava sobre os peregrinos.

Avisinhando-se de Jerusalém, já sentindo o poder crudelissimo de Herodes, maior se lhes tornou o receio. Não se atreviam a caminhar senão a horas altas, quando nos campos cessava, por completo, o movimento e morriam todos os lumes das choças e nos cortellos e corveiros os proprios cães dormiam,

O latir longínquo de um rafeiro fazia-os estacar; a sombra oscillante de um ramo detinha-os: o rumor d'agua nos regos assustava-os e, tiritando, molhados, abençoavam o frio que os transia, o vento que lhes cortava a face, porque, com tão áspera inver-tia, mais seguramente viajariam sem vêr

gente, atravessando os campos e as paupérrimas aldeias adormecidas.

Nas proximidades de Ramla, na Iduméa, iam por um estreito, sinuoso caminho, apertado entre alcantis medonhos quando, inopinadamente, ouviram vozes roucas, tinir de ferros e logo, ao fulvo clarão de archotes, um bando de homens de má sombra, que pareciam surgir da terra, tomou-lhes o passo.

Cercados pela horda, ficaram os esposos em attitude humilde : a Virgem muito pallida e tremula, chorando. Mas o chefe dos salteadores, adiantando-se por entre as lanças, mal descobriu os caminhantes, como tocado de graça, inclinou-se respeitoso e, beijando a ponta do veu de Maria, saudou-a com palavras de bôa avença.

Os bandidos olhavam immoveis, pasmados, mas a um aceno do chefe afastaram-se e o salteador, compadecido da miseria de tão jovem e formosa senhora e do canção do ancião e com pena do Menino, que resmungava, encolhendo-se de frio nos braços maternas, offereceu-lhes hospedagem, mostrando-lhes o seu formidável castello de pedra negra, alcandorado no viso de um rochedo.

E como a subida fosse difficil, os homens

cortaram ramos, cruzaram-nos em andilhas, nellas sentando a Virgem, e levaram-na pela trilha escarpada até a alcaçova onde, além dos donos, só as águias e os gypaêtos chegavam.

Ali repousou a Família durante dois dias suaves e quando, a instâncias de José, tiveram de partir, o chefe encheu-os de presentes e, trazendo um manso jumento, fez nelle subir Maria. Ordenando, então, a alguns homens que os acompanhassem até a vizinhança de Nazareth. despediu-se com amizade.

De Nazareth seguiram até Bethleem, onde se refugiaram em uma gruta, esperando a passagem de alguma caravana que demandasse o Egypto.

Uma tarde viram chegar numerosa turba em que havia gente de varias castas — mercadores montados em camellos, sobre almandras e telizes cairelados de ouro, seguindo carros atupidos de alfaias; guerreiros d'albornozes listados, turbante rubro, lanças altas, luzindo ; mulheres em onagros e farta peonagem sobrecarregada de fardos. Rebanhos acompanhavam a multidão que ia para os lados de Mizraím.

Enfardelando, á pressa, o que tinham, metteram-se os esposos na caravana e, ao som de cantos, ao trillo do flautas e resoar de tympanos vibrantes, á hora afogueada do occaso, deixaram Bethleem a caminho de Hebron e de Gaza, á beira do mar, até chegarem ás arêas soltas e amarellas do immenso, tristonho e árido deserto.

O céu puro, de um azul metallico, abafava — sentia-se a brasa do sol, o fogo intenso que, a mais e mais, incendia-se e o bando caminhava em silencio, lentamente, revolvendo o solo molle, fofo. em que os pés enterravam-se queimando-se como em rescaldo.

Ás vezes, de improviso, uma voz bradava alegremente annunciando um oásis. Reanimavam-se todos precipitando os animaes esfalfados. Os peões corriam offegando, era uma grita festiva — lanças coriscavam no ar, yatagans flammejavam e todos os olhares fitavam, com ânsia, o mesmo ponto. Lá estavam as palmeiras verdes, as sombras das arvores hospitaleiras annunciadoras d'agua, terra, enfim, naquelle oceano de secura.

Súbito, porém, o desanimo substituía o contentamento e, ás vozes felizes, aos cantos

jocundos succediam guaiados, imprecações de revolta e blasphemias.

Alguns, com os pés em sangue, deixavam-se cair nas dunas sem coragem para continuar a jornada; outros bradavam ao ceu ameaçando-o com os punhos fechados. Mais arrepelavam-se sentindo os filhos morrerem-lhes nos braços e a illusão dissolvia-se a pouco e pouco, a miragem apagava-se e o deserto estendia-se ardendo ao sol, esteril, impassivel, vazio, movendo-se, ondulando ao vento quente.

E, seguindo d'alto a caravana, os gypaêtos soltavam gritos antegosando a carniça humana, o dizimo que os aventureiros pagavam á voracidade do deserto.

O sol nascia ardentíssimo, os seus primeiros raios brandos, acariciantes nas outras regiões, eram ali flagellos. Os olhos ficavam encan-deiados, doloridos á fulguração micante das arêas e, á falta de sombra, á mingua de fonte ou cisterna, a turba caminhava penosamente, arfando ao ríspido calor que alquebrava os proprios animaes.

Maria só achava conforto nas caricias innocentes do Menino, nem sentia o sol que lhe escaldava a cabeça — ia d'olhos no Filho e, como não lhe faltasse leite, nem pensava em fonte o abençoava o deserto que salvava o seu Amor.

A noite descia como um balsamo.

Toda a caravana repousava ao tempo, gozando a frescura, sentindo os leões e os tigres que rondavam o acampamento com um vívido fagulhar de pupillas.

De quando em quando os nômades levantavam grita estrondosa assustando as feras e os fogos de vigília brilhavam aqui e ali, por entre grupos de homens e de animaes.

Uma tarde, finalmente, avistaram Heliopolis, a cidade do sol, com os seus zimbórios claros, os seus altos pylonos, os seus templos colossaes.

Era a hora religiosa em que os sacerdotes entoavam, ao som dos kimores, cânticos a Atumú e os barqueiros do Nilo, colhendo as velas, abicavam á margem florida de lotos.

A Virgem sentia-se fatigada, e como passassem junto das ruinas de um tumulo, deixaram seguir a amotinada caravana e recolheram-se á funebre guarida.

Na manhan seguinte, cedo, antes da oraçãõ á aurora, levantaram-se os esposos dirigindo-se para a cidade resplandecente.

Junto á porta principal avultava uma arvore magestosa, cuja virtude era proclamada por quantos a conheciam.

Muitos adoravam-na como divindade. Tanto que Maria se lhe chegou á sombra, logo a arvore curvou-se dobrando-se no tronco, varrendo o solo com a folhagem basta. Tres vezes repetiu o respeitoso movimento, depois, sacudindo os ramos, espalhou todas as suas flores em volta, alcatifando a terra que os peregrinos deviam pisar.

E foi assim que a flora sagrada do Egypto recebeu a Familia de Jesus.

Atravessando a cidade em direcçãõ á villa de Matarieh, entro sycomoros, regada pela única fonte que em taes terras deriva, todos os animaes sagrados dos templos que ficavam á beira do caminho que os esposos percorriam, rolaram dos altares partindo-se nas lages — assim a Phenix immortal, o touro Mnévis, o pássaro Bonu e o grande disco de ouro de Aton, o sol, que se desfez em estilhas com grande espanto dos sacerdotes.

A população da villa de Matarieh, onde se fixou a Sagrada Família, era humilima ; pobre gente que labutava em pesados trabalhos soffrendo, sem revolta, a oppressão dos nobres, a affronta dos ricos, o castigo dos capatazes, o desprezo, a repulsa dos sacerdotes.

Se queria pedir aos deuses a piedade devida a todos os seres, os neochoros ameaçavam-na, corriam-na dos vestibulos por immunda, indigna de apparecer ante os altares.

Vivia em cabanas de lôdo, cobertas de palmas e tão nuas e desprovidas que os leitos eram alastos de folhas e os lumes eram fogueiras de versas.

Em uma d'essas cabanas installou-se José e logo, compondo-a, calafetando as fendas, amparando os esteios, substituindo as palmas da cobertura palhiça, alhanando o solo, tornou-a mais confortável. Depois, com o que dispunha em moedas, adquiriu a ferramenta, e, á sombra larga de um sycomoro, começou a trabalhar contente, tranquillo, vendo o Menino crescer, brincar entre as fi-

tas de madeira que a plaina tirava dos lenhos que ia acepilhando.

Maria, ordenando a casa, asseando-a, fazendo o lume, tomava a urna e subia a collina, caminho da fonte. Lá ficava lavando as roupas do casal e estendia-as na encosta do outeiro Matagoso. Á tarde recolhia-as.

Apesar da fadiga e da pobreza em que vivia, sentia-se feliz no socego. O' as lancinantes angustias! o medo de vêr-se orfan, despojada d'aquelle amor formoso! Ali, seu Filho podia andar livre, correr nos campos, mirar-se, risonho, nas águas da fonte, brincar com os pobresinhos da sua idade.

E ali viveram sete annos longos, ali cresceu o Infante, foram-se-lhe abrindo os olhos; ali sentiu o seu pequenino coração o primeiro pungir da piedade pela dôr humana : velhos sem lar, cahidos nas estradas, morrendo esquecidos, desamparados; criancinhas chorando sem consolo, perdidas, chamando as mais que lhes não podiam responder do fundo abafado dos túmulos em que jaziam ; mulheres fracas succumbindo ao peso das tarefas; enfermos implorando sem resposta.

Uma tarde, parando no outeiro em que brincava —os trabalhadores cantavam ao lon-

ge — entorneceu-se Jesus com os olhos arrasados em lagrimas.

Vendo-o chorar, Maria precipitou-se comovida :

— Porque choras, meu Filho ?

— É tão triste o canto d'essa pobre gente, minha Mãi.

Longe, nos templos, resoavam hymnos.

A religião impassível respondia aos lamentos dos miseráveis com as panegyrias solemnes.

E Jesus soluçava sobre a tristeza dos humildes.

Uma tarde, recolhendo do campo, viu José o anjo annunciador. Reconhecendo-o, prostrou-se com a face na terra.

— Levanta-te, disse-lhe o divino enviado, toma o Menino e sua Mãi e vai para a terra de Israel, porque são fallecidos os que o buscavam para o matar.

Foi com alvoroço que a Virgem recebeu a boa nova — já lhe doía o coração com saudades da pátria. Despedindo-se dos visinhos, da fonte, do sycomoro á cuja sombra passava os dias fiando, grata, bem dizendo aquella terra de hospitalidade, preparou-se para a partida. Deixaram Heliopolis com uma caravana, quando, porém, avisinhavam-se dos palma-

res de Betlilcem, sabendo que Archeláo reinava na Judéa, sempre receiosos, metteram-se por desvios desertos e, depois de longas, trabalhosas voltas, chegaram a Nazareth, na Galiléa natal.

Encontrariam ainda a sua casa? Assim pensavam quando, ás ultimas luzes da tarde dourada, viram-na de pé, entre as figueiras.

Em commovida alegria precipitaram os passos para a cabana, abriram-na, e, entrando, encontraram-na tal como a haviam deixado. Tudo em ordem : na horta os mesmos legumes, no eido as mesmas flores, as arcas cheias de trigo, as amphoras cheias de azeite, agua fresca na urna, frutos maduros nos gigos, o lume acceso e a lâmpada de barro alumando o inteior.

Ficaram maravilhados. Que bom visinho lhes teria, com tanto zelo, conservado o lar ?... E não viram um vulto branco, silencioso, alado, que lentamente sahia, diluindo-se como a nevoa ao sol.

—Louvado seja o Senhor! exclamou José ajoelhando-se no limiar da casa, d'olhos no céu que começava a estrellar-se.

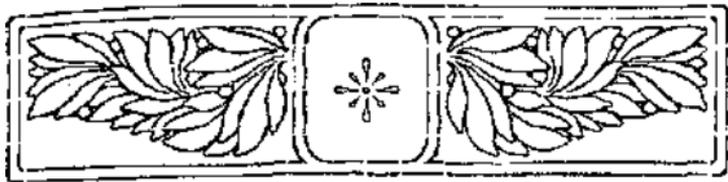
Maria, risonha, ia e vinha revendo o seu canto doméstico e fora, isolado, o pequenino

Jesus, de olhos baixos, escutava o coração piedoso que lhe repetia o canto dolente dos miseráveis de Matarieh.

E as lagrimas rolavam-lhe a quatro e quatro dos olhos misericordiosos.

III

Jesus no Templo



Aos doze annos era Jesus de tão doce bondade e tão simples, gracioso e natural de modos que os meninos suspendiam os brinquedos para ouvi-lo ; decoravam-lhe as palavras, repetiam-nas aos pais que as commentavam maravilhados.

O prazer maior do predestinado Infante era seguir as trilhas agrestes, buscar a companhia dos pastores pensativos, ficar com elles á mesma sombra, ouvindo as historias que contavam sobre as estrellas das noites calmas, emquanto as ovelhas soltas pastavam a herva tenra que alfombrava maciamente a encosta, dos outeiros.

José que, a principio, tentara ensinar-lhe o seu officio, não para aproveitar-lhe o tra-

balho, que a força ainda era pouca para carpintear, mas com o fim de proporcionar-lhe distracção que o tirasse do sonho triste em que vivia, reconhecendo a inutilidade do seu desejo, porque o Menino ainda se entristecia mais na officina, deixou-o solto,

Como o sabia estimado de todos não se preocupava com as suas ausências, certo de que o veria regressar á tarde lento, d'olhos extasiados no céu, com um lyrio ou com um ramo verde, que era quanto trazia dos seus passeios solitarios.

As interrogações da Mãe, que o afagava carinhosamente, respondia sempre com palavras mysteriosas ou dizendo : «Estive a pensar uma ovelha ferida, a ligar um ramo d'arvore, a juntar achegas para auxiliar um passaro que andava a tecer o ninho».

Ninguem, jamais, o surpreendeu em exercicio que não fôsse de caridade meiga — nem a correr pelas veredas, nem a trepar em troncos, nem a perseguir animaes; sempre o viam praticando acções piedosas, quando o não encontravam isolado em recantos desertos, a cabeça inclinada, pensando.

Na fonte, aonde costumava acompanhar Maria, á tarde, as moças, descançando as

urnas, chamavam-no provocando-o a falar e elle, sisudo, respondia-lhes com tão seguro criterio que todas pasmavam e emmudeciam. A propria Virgem, com os olhos marejados de lagrimas, embevecida, não disfarçava o seu espanto ao ouvir as sentenças de tão profundo alcance que discorriam da linda boca do seu filho.

— É estranho, disse certa mulher, ouvindo-o. É estranho que de tão tenra criatura saiam conceitos taes. Nunca se viu rebento apenas abrolhado dar sombra a uma caravana e nos, em torno d'esta creança, attentas ás suas palavras, estamos como abrigadas por um renovo ainda, sem folha aberta.

— A caridade, disse Jesus, pode vir do mais humilde : não é preciso possuir minas na terra para matar a fome de um pobre : basta um pedaço de pão. A lan de uma ovelha combate o frio do mais rigoroso inverno; uma gotta de balsamo allivia a dôr mais forte. Parece-te muito que uma criança attraia adultos á sua paalavra : quando os corações são bem formados, para chama-los á pie-dade não é preciso mais que um ai!

Nada sei do que dizem os livros, mas muito tenho aprendido com o soffrimento dos ho-

mens. O que saborêa o vinho nem sempre conhece o gosto natural da uva. Uma coisa é comer o pão, outra é vê-lo fazer.

Eu sou como aquelle que apanha o fruto da vinha ou como o segador que faz o molho de trigo : sei como soffre a uva no lagar e quanto padece o grão no moinho : vejo correr o sangue da vida e ouço a trituração dolorosa da pedra que móe o grão.

Os livros são recadeiros indifferentes: contam, não fazem ver. Não é o mesmo saber da morte e vê-la. Quem lê presume, quem vê participa do bem ou do mal — goza ou padece. Eu vejo.

Não admiras as palavras pelo seu valor senão por virem de mim, que ainda hontem balbuciava, e parece-te estranho que ' tão grande mó de gente se reuna para ouvir-me e louve o que digo. É que todos que aqui se ajuntam trazem a alma preparada para a doutrina.

Um leão manso pôde ser conduzido por um menino e para domesticar um onagro trazido do deserto não hasta a força de dois homens. A ovelha trasmalhada na selva embravece, o tigre tratado com humanidade roja-se submisso e come á mão do domador.

Assim uma criança póde falar a adultos desde que os encontre aderençados.

E, assim dizendo, Jesus brincava com o ramo verde que espalhava em volta aroma delicioso.

Foi nesse tempo que Elle fez a viagem a Jerusalém, para a festa da Paschoa, acompanhando Maria.

Nessa jornada, que a Lei prescrevia, os homens caminhavam apartados das mulheres. A Virgem porém, tomando a seu cuidado o Infante, levou-o na caravana feminina.

Ainda que as moças e as proprias matronas, ao longo do caminho, durante os quatro dias — que a tanto montava o tempo da viagem de Nazaréth a Jerusalém — fossem cantando, por vezes bailando ao som de instrumentos, o Menino não parecia alegrar-se com a jocundidade festiva da companhia e, se a Mãe o interrogava ou o incitava a brincar com os da sua idade, retrahia-se dizendo :

— De que serve mentir com o sorriso á tristeza que lavra em meu coração ? O mercador honesto só expõe amostras do que tem, como

queres tu que eu sorria se em minh'alma só lia tristeza ? Porque não se ha de permitir que eu seja corno sou ? Não se exige da arvore esteril que dê frutos nem se pede ao areal arvoredado de sombra e lia de o melancolico sorrir por comprazer dos que o cercam ?

Deixa-me ser como sou. Que culpa tenho eu de haver nascido de um tronco cuja seiva e a lagrima? Não peças mais do que tenho.

E Maria, sem palavras a oppôr ao que lhe dizia o Filho, suspirava sofredoramente.

Quando chegaram a Jerusalém — a cidade regorgitava de forasteiros — depois de ligeiro descanso, logo subiram ao Templo a cumprir o preceito da Lei.

Immolado o cordeiro pascal pelos sacrificadores no patco do Templo, reuniu-se a Familia em torno da mesa em que também appareciam os pães azymos.

Não correu, com a alegria do costume, o banquete tradicional. Maria mal tocou na sua parte e, tanto que viu o Filho distraihdo, dirigiu-se a José falando commovida:

— Senhor, bom seria entender-vos com um dos sabios doutores da cidade afim de que nos valesse com uma receita que curasse

o Menino do mal que o vai lentamente consumindo. Fez toda a viagem tão acabrunhado que nem as minhas caricias conseguiram desanoja-lo. Tudo lhe augmentava a melancolia. O sol, os risos, a belleza da terra, a alegria das moças, o luar das noites eram outros tantos motivos para que seus olhos se turbassem. Ha nelle um mal mysterioso que só a sciencia descobrirá. Porque não procurais um d'esses homens habeis, que fazem prodígios com os seus remedios ?

O patriarcha respondeu :

— Acreditas, Maria, que alguém possa modificar a raiz de uma planta e a sua natureza a ponto de a fazer produzir outras flores que não as que lhe são proprias? Quem tal fizesse seria igual a Deus. Assim tambem não se muda a alma que trazemos: se ella vem para sorrir, ha de sempre dar o sorriso ; se traz por dom a tristeza, triste ha de sempre ser. Calou-se.

O Templo atroava. As vozes echoavam e, por entre a turba em que se cruzavam roupagens de todas as cores e havia ricas scintillações de metaes e pedrarias, iam evinham, de rojo, miseráveis gemendo, imprecando, chorando — cegos aos esbarros, leprosos com as

chagas tresuando, paralyticos de rasto se todos oram duramente, enojadamente repellidos pelos proprios sacerdotes que os evitavam com repugnância.

Jesus, encostado a uma columna, acompanhava o doloroso espectaculo com os olhos arrasados d'água e, como Maria se aproximasse, chamando-o, Elle disse-lhe:

— É esta a casa de Deus ! Aqui são os ricos os que mais valem. Para elles abrem-se todas as portas, descerram-se todos os véus. São elles que se avisinham dos altares, como os levitas. As ondas de incenso envolvem-nos antes de subirem a Deos. Aos pobres nem consentem que cruzem o limiar do santuário.

O minha mãe, como minh'alma mentia ao meu coração quando lhe falava da Casa do Senhor. O que eu imaginava era o contrario do que vejo — os pobres em torno de Deus, como a sua aureola, a Piedade recebendo á porta os humildes — e encontro a ambição vendendo os lugares sagrados e os sacerdotes zumbridos diante dos cofres de ouro como se nelles vissem imagens da arca santíssima. Ó minha Mãe... E rompeu a chorar agarrado á columna.

Ao fim do terceiro dia, terminadas as festas, regressaram os peregrinos guardando a mesma ordem em que haviam chegado. Em caminho notou Maria a ausência de Jesus, mas suppondo-o na companhia de José, não se inquietou.

À noite, porém, acampando as duas caravanas no mesmo sitio, não pôde a Mãe supportar as saudades do Filho.

Deixando a tenda e guiando-se pelos lumareus que flammejavam no campo, foi em demanda do agasalho do esposo.

José estava sentado á beira do lume, a olhar o céu estreitado, quando Maria, rompendo das trevas, appareceu-lhe perguntando pelo Menino. Sobresaltou-se o ancião ;

-- Não o tens comtigo ?

— Eu! Não vem comvosco ? Não o trouxestes vós ?

— Não. Bem o procurei, suppondo que o havias chamado.

— Ai! de mim... Em pranto afflicto, desgrenhada, lançou-se a Virgem pelo acampamento alarmando os que repousavam. Aos seus clamores acudiam as companheiras penalizadas, homens iam-lhe ao encontro condoídos — a todos fazia a misera a mesma

pergunta : « Meu filho ! Não o vistes ? » De todos ouvia a mesma desoladora resposta : «Não !»

Perdido !

Sahiram a percorrer os arredores com archotes de palmas, bradando pelo Menino.

Ninguém. Os cães ladravam nas herdades longínquas.

Á pressa, sem lembrar-se dos perigos a que se ia expor, poz-se a Virgem a caminho seguida ,de José.

Não andava, corria pela noite negra, tropeçando em toros e em pedrouços, resvalando em barrancos, ferindo-se em espinhaes. De quando em quando parava sem fôlego, com o coração em ânsia e ficava a escutar no silencio.

Procurava José tranquillisá-la com palavras de esperança, a desventura da rompia em pranto e bradava desesperada o nome do Filho que os echos repetiam, espalhando-o no escampo como se quizessem auxiliar a infeliz.

Alvorecia e a pobre Mãi, sem sentir fadiga, com os pés em sangue, os cabellos molhados de orvalho, correndo, precipitando-se, avistou no cariz do horizonte as terras brancas de Jerusalém.

Quiz José que tomassem algum descanso em uma pousada, mas a Virgem negou-se e, caminhando, entrou na cidade quando começavam a troar os pregões dos mercadores.

Foi a todas as casas conhecidas, penetrou, arrebatadamente em todos os *khans*, percorreu todos os bazares perguntando a quantos encontrava, dando os signaes do Filho e ninguém que a tranquillisasse.

Perdido !

Viam-na passar e olhavam-na: uns com pena ou espanto, outros sorrindo. Um legionario tentou detê-la, ella nem deu pelo gesto do soldado e proseguiu.

Desanimada e exausta, deixou-se cahir sobre um escombro de pedras soluçando perdidamente. Foi quando José, erguendo os olhos para o céu, deu com o edificio colossal do Templo maravilhosamente illuminado pelo sol e disse, talvez para minorar os soffrimentos da infeliz com um resto de esperança :

—E no Templo, Maria? Quem sabe!? Talvez tenha lá ficado a distrahir-se com os bufarinheiros.

—Sim! Sim! No Templo. Ó a esperança, lume que renasce ao sopro mais leve.

E a Virgem precipitou-se, subiu alada-

mente a longa escadaria, atravessou o pateo rompendo a multidão.

De repente estacou, tremula e pallida, as mãos ambas no peito, as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos molhando-lhe copiosamente o rosto, que sorria. É que descobrira o Menino.

Era elle ! sim, era! lá estava, debaixo do pórtico, entre doutores que o ouviam em maravilhado silencio, uns sentados, descahidos sobre os braços fincados nos joelhos, com os rostos esmagados nas mãos, os olhos fitos ; outros de pé, immoveis. braços cruzados, attentos.

E Jesus, no meio d'elles, lindo, transfigurado, discorria com suavidade, respondendo a objecções que lhe faziam, resolvendo difficuldades ou expondo, em palavras claras, Uma doutrina de amor. De instante a instante corria um rumor de applauso na assembléa, os anciãos acenavam approvando, entreolhavam-se deslumbrados, sorriam por verem tanta sabedoria exposta, por uma boca em flor, tanto pensamento sublime nascido entre os cachos mimosos de uma cabeça, infantil.

A Virgem, que ficara á distancia, exta

síada, adiantou-se então e, dirigindo-se a Jesus, falou-lhe :

— Filho, porque usaste assim comnosco ? Sabe que teu pai e eu andávamos buscando-te, cheios de afflicção.

Serenamente, avançando em passo grave, Jesus respondeu :

— Para que me buscaveis ? Não sabeis que importa occupar-me das coisas que são do serviço de meu Pai ?

Não comprehenderam os esposos as palavras do Infante, nem procuraram entendê-las, tão grande era nelles a alegria por o haverem encontrado.

E Jesus retirou-se.

Voltaram-se os doutores para segui-lo com o olhar e, durante muitos dias, o assumpto das conversas, no Templo foi o prodigioso Menino, tão novo e já iniciado nos mais profundos segredos da sciência d'alma o nos mysterios mais subtis da religião de Israel.

IV

Maria encontra Jesus no caminho
do supplicio



Foi um amotinado alvoroço no Pretorio quando, depois da fraqueza de Pilatos, ao som das buzinas roucas, os soldados da guarda romperam vagarosamente a marcha.

O povo, atropellando-se, refluiu aos brados.

Mercadores retiravam açodadamente os tableiros, corriam com os gigos, puxavam ou continham os animaes espantados. Mulheres debandavam como perseguidas, levantando nos braços os filhos que choravam, esperneando com medo.

A tarde abrasava. Uma nuvem de pó ondulava nos ares como immenso véu doirado. Apesar da brutalidade com que os legionarios repelliam, a conto de lança, os curiosos que se apinhavam fechando a passagem,

a turba adensava-se a mais e mais, engrossando-se com os que chegavam de longe, atraídos pela noticia da sentença e pelo gozo do promettido espectáculo de morte.

Quando Jesus appareceu, derreado ao peso da cruz, a fronte livida, laivada de sangue, as faces denegridas das punhadas com que o haviam maltratado, foi um delirio na multidão. Homens acenavam com as abas das túnicas, com os turbantes; cajados entrechocavam-se alegremente. Mulheres agitavam os mantos, rapazes bailavam aos saltos, atirando ao ar as fótas, soltando gritos selvagens. E as injurias cruzavam-se : affrontas, obscenidades, doestos calumniosos.

Vozes pediam com sarcasmo um milagre.

Um velho maltrapilho, os pés envoltos em sujo esparto, avançou frenetico, com os olhos cheios de cólera, a longa barba, amarella e eriçada, ainda hummida de vinho e, levantando os braços, magros e guedelhudos, poz-se a rouquejar contra a victima.

— Eh ! lá, homem de Nazareth, mais depressa, que os corvos começam a estalar os bicos de impaciência. Chama os anjos para que te ajudem. Chama-os, seductor de mulheres! intrigante ! feiticeiro ! Mostra o teu poder.

E outras vozes romperam em grita :

— Foi elle que fez murchar a vinha do meu horto.

— O meu campo era fértil, elle passou junto á cerca e logo a terra, seccou e toda a planta morreu.

— Impostor ! Feiticeiro !

Uma pedra zuniu, bateu no madeiro esfarelado-se.

Jesus não levantava os olhos, seguia lento, obedecendo a uma corda que lhe haviam atado ao pescoço e que o centurião, de instante a instante, em empuxo, atesava. Acompanhavam-no dois criminosos, levando cruzes mais leves. Eram ladrões, Mas o povo não parecia dar por elles, só em Jesus reparava tornando-o alvo de todas as chufas e brutalidades.

Às portas das casas saíam os moradores: operarios com as suas ferramentas, mãis amamentando os filhos, mulheres coitadas de mitras, em tunicas tão leves que o ar enfunava-as ou lh'as apegava ás fôrmas com a facilidade com que desfaz o fumo, os braços nus, enrodilhados em braceletes de ouro, os peitos brancos desnudos, acenando aos mancebos, chamando-os para pedir informações.

Algumas apoiavam-se, com languidez, em escravas que traziam flabelos de longas plumas ou lyras.

Nos eirados agitavam-se chusmas de curiosos, os braços erguidos, sustendo túnicas abertas ao sol á maneira de velarios. Os pombos voavam assustadamente com um forte estalar d'azas.

Á medida que a marcha se alongava mais, crescia a multidão vociferadora.

O martyr arfava, alagado em suor e em sangue; as pernas tremiam-lhe, por vezes dobravam-se. De instante a instante as buzinas roucas estrugiam.

Passava Jesus diante do um casebre, cujos muros, tendidos e hirsutos d'hervas, ameaçavam ruir, quando lhe sahiu ao passo uma mulher piedosa e, com um panno de linho novo, enxugou-lhe o rosto, levando estampada na lençaria as divinas feições do paciente.

O povo rompeu em assuada, aos ganidos. Um homem avançou de repellão, tentando arrancar das mãos da mulher o panno ensangüentado, mas estacou levando as mãos ambas ao peito: o rosto ennegreceu-lhe, turgido, saltaram-lhe os olhos, vermelhos

como postas de sangue, ferveu-lhe á boca uma espuma rubra e, com um rugido de dôr, rolou por terra, morto. E logo tresandou tão insupportavelmente que o povo fez um claro em volta do cadáver ainda quente e já desfazendo-se como velha carniça.

A boca aberta e secca, respirando aos arquejos, e tão alto que se lhe ouvia o stertor oppresso, ia indo Jesus aos arrancos. Vergava o dorso e, a mais e mais, falhavam-lhe os passos tropegos. De repente, num estremeção, dobraram-se-lhe mollemente as pernas e teria tombado ao peso do madeiro se mãos prestes o não houvessem amparado, não por piedade, mas por interesse cruel, por que seria uma decepção para o povo se o nazareno succumbisse á fadiga, quando todos contavam com o espectáculo mais interessante da crucificação.

Ia o cortejo cruzando a Porta Judiciaria quando um grito lancinante atravessou, o resôo da marcha e o estuar rumoroso das falas, fazendo a multidão estacar de improviso.

Uma mulher estava de pé, entre as silvas do caminho, livida, os olhos muito abertos, os magros e enfraquecidos braços alongados

em desespero para o Martyr, balbuciando palavras que lhe morriam nos labios, afogadas no pranto que os olhos despejavam.

Não se tirava do lugar. As hervas, que se lhe agarravam ás vestes, pareciam retê-la e o seu corpo esguio, macilento, tremia todo com violência tamanha que os cabellos, já grisalhos, despenharam-se-lhe pelos hombros agudos.

Era Maria.

Como o centurião tirasse pelo baraço fazendo caminhar o condemnado, a misera lançou-se allucinadamente por entre os homens, passou por elles sem notar nos soldados que cruzavam as lanças para contê-la, deixando no ferro de uma farrapos da túnica. E entrou no cerco doloroso.

Chegou a Jesus e, inclinando-se, tomou-lhe o rosto nas mãos, poz-se a beijá-lo com ânsia, lavando-o em lagrimas. E chamava-o em voz surda e meiga :

— Ó Filho meu! Meu Filho !

Mas a turba rosnava, vozes protestaram:

— Afastai-a d'ahi! Faz-se tarde. Cumpra-se a ordem de Pilatos. Morra o sedicioso !

E o centurião poz-se a caminho, levando a victima quasi de rastos.

As buzinas troavam tirando echos melancólicos dos valles e o som ia tão longe que se via, nos resequidos barrancos, por entre as rochas áridas, fugirem corpos brancos, como pedras que rolassem, que eram ovelhas que o susto dispersava.

O caminho pedrento, recavado em sulcos, queimava como rescaldo.

Junto a uma velha, desmantelada cisterna repousavam recoveiros, com as lanças altas fincadas na terra secca e os jumentos presos a toros de figueiras mortas e, mais apartado, num inatto de tojo, negro e pútrido, um leproso acocorava-se arrepanhando os andrajos, não por vexame da sua quasi nudez, mas para occultar as chagas que lhe apodreciam o corpo.

Satisfeitos do que haviam visto, muitos curiosos regressavam lentamente conversando sobre o supplicio ou sobre a festa da Paschoa ; voltavam-se, por vezes, acenando para o Golgotha escalvado, onde o sol ardia em fogo vivo reluzindo nas pedras, avermelhando os cardos.

Os legionarios abochornados seguiam a passo, alguns levando os capacetes espetados nas lanças. A marcha remorava á medida

que o caminho tortuoso ia alcançando o monte.

Um dos ladrões parou, pediu agua. A sua voz era rouca e áspera. Riram-lhe em rosto. O condemnado irritou-se e respondeu com uma affronta, ameaçando ferozmente o grupo de onde partira a gargalhada. Foi. então, uma rinchavelhada de troça, vaiaram-no, atiraram-lhe pedras e estéreo.

Maria não parava, caminhando ás tontas, com uma ansia que lhe tomava todo o ar, suffocando-a em soffrimento. Ia para o centurião de mãos postas, pedia-lhe : falava aos legionarios, voltava-se angustiosamente para a turba e, como reconhecesse algumas das mulheres, chamava-as pelos nomes.

Retrocedia a correr, pisando na fimbria dos vestidos rotos, ás topadas nas pedras que resaltavam e tomava; a mãos ambas, a cauda da cruz esforçando-se para que todo o peso do madeiro lhe coubesse; mas os soldados repelliam-na brutalmente, ameaçando-a.

— Vós não sabeis, de certo, que elle é meu Filho ... Meu Filho ! Deixai que o ajude a levar a cruz, tenho força para carregá-la e ainda que os braços m'a negassem, pedi-la-ia ao coração, O seu peso é mais suave do que

a minha agonia e eu caminho, bem vedes. Não é possível que vossos olhos não vejam o meu soffrimento. Eu devo estar transfigurada.

Que fez elle ? Porque assim o maltratam ? Porque o levam á morte ? Quando me foram dizer que o haviam condemnado eu, que ardia em febre; eu que, ha mais de quinze dias, não me podia arrastar até á porta da minha casa, senti-me outra e tive forças para correr a vós o para clamar tão alto que os proprios abutres que passam nas nuvens ouviram os meus gritos e apressaram o vôo. Aqui estou, sou mãe, sua mãe. Elle é meu Filho. Trouxe-o pequenino ao collo, deixai que agora o ajude a carregar o seu patibulo. Elle é tão fraco, tão doente... Se soubesseis!... Foi sempre assim fraco. Por César! Por vossa mãe! Por vossos filhos!

Ajoelhou-se de mãos postas, pedindo com os olhos amarados, mas o povo não se comoveu com as suas palavras, com as suas lagrimas e te-la-ia pisado se um homem mais caridoso não a houvesse levantado fazendo-a sahir.

— Corações frios! Ainda que elle fosse um assassino, vós devieis ter pena. Que fez elle ?

Jesus não levantava os olhos, receioso de

encontrar os de Maria, e caminhava extenuado, esforçando-se; sentia-se-lhe o desejo de apressar a marcha para acabar aquella agonia, chegar á morte mas depressa.

A cruz, de rasto, a deixando pela terra um sulco sinuoso e o povo para abreviar o espectáculo, empurrava-a a rir, ajudando o Martyr.

Mas as forças abandonaram-no. Parou, ergueu os olhos ao céu ; os braços cahiram-mo flaccidos ao longo do corpo e, oscillando, tombou de joelhos sobre as pedras agudas, sem um gemido, e ficou immovel, com o rosto na terra, a coroa de junco a arranhar-lhe a fronte.

Foi nesse momento que o centurião, impaciente, vendo na turba um homem robusto, conhecido pelo nome do Simão de Cyrene, chamou-o intimando-o a levantar a cruz e auxiliar o condemnado. O homem adiantou-se e, com facilidade, executou a ordem. Ergueu-se Jesus e, como o centurião tirasse pela corda com violência, Maria, que se debatia na multidão, desmaiou e deixaram-na sobre hervas, como morta.

Mulheres cercaram-na e lenta, silenciosa, começou a subida do Golgotha por sobre ossos brancos dispersos e cardos que repontavam por entre as pedras.

V

A morte de Jesus

Despojado violentamente dos trajos irrisórios com que o haviam vestido, ficou Jesus desnudo e, immovel, cheio de serenidade, o olhar parado, perdido no céu largo e abrasado. Exposto ás vistas ultrajantes da soldadesca desabrida, que o cercava, e do povo amotinado e ansioso pelo espectáculo da morte, ali esteve soffrendo todas as affrontas todos os vilipendios, sujeito aos commentarios mais soezes da gentalha que ria da extrema magreza do seu corpo maculado de ecchymoses e seviciado pelos flagellos.

Moços languidos, alongando os braços nus nos quaes tiniam luzentes armillas de ouro e de marfim, caminhavam vagarosos, soerguendo as tunicas para evitar a urze ou para

que lhes vissem os cothurnos os recamados de perolas.

Mulheres cochichavam. Ao aroma do nardo misturavam-se o fortum de suor e o cheiro agreste e do suarda que tresandavam os grosseiros pastores e os tintureiros cujas mãos pareciam erduvadas em purpura ou em azul.

Crianças immundas jogaram pedrinhas, amatilhadas nos vãos das rochas e velhos maltrapilhos, arrepanhando os sórdidos farrapos, ganiam estendendo as mãos engelhadas ou mostrando chagas em sangue em torno das quaes as moscas assanhavam-se.

Era como uma feira alegre e rumorosa o lugubre planalto. Luziam ao sol os capacetes dos legionarios; as lanças, encostadas nas rochas, em feixes, faiscavam como se um lume lhes ardesse no ferro, e, de quando em quando, roufenha, a buzina resoava.

Já os dois ladrões estorciam-se nos seus cruzeiros. Um d'elles, enfurecido, com a espuma a ferver-lhe aos cantos da boca, contrahida em rictus, injuriava o povo, bradava insultos em voz rouca e arquejada ; o outro, resignado, meneava a cabeça e via-se-lhe crescer o peito, encher-se-lhe o ventre na ansia da respiração angustiada. Lagrimas

lentas desciam-lhe ao longo da face, abrindo dois laivos na poeira que a avermelhava. Em volta, a turba, contida pelos legionarios, resmungava, protestando contra a aspereza do centurião inflexivel que não permittia a passagem além do limite traçado por uma corda de linho. Alguns, mais atrevidos, investiam, agarravam a corda sacudindo-a, mas legionarios corriam apontando as lanças ou brandindo gladios e era uma debandada confusa, um atropello de recúo e atroavam gritos. Alguns rolavam espesinhados e ficavam escabujando, guaiando na poeira.

Jesus não fazia o mais leve movimento. Do instante a instante um frêmito crispava-lhe a face livida, as palpebras batiam em palpitações repetidas e a boca descerrava-se-lhe. Mas a sua attitude mantinha-se como a de uma estatua, impassivel no meio d'aquella turba borborschante, que grasnava, vociferava e ria fervilhando no monte como abutres em carniça.

Nuvens negras subiam pesadamente, acastellavam-se no ceu, como outeiros que se houvessem levantado nos ares e lá fossem, com as suas corcovas escuras, construindo

cordilheiras no espaço. O ar era denso, empoeirado.

Corvos passavam em vôo rápido ou baixavam cangados e, d'azas abertas, ficavam pousados nas arestas das penhas, olhando as cruces, com curiosidade humana.

Um homem escuro, quasi negro, de grenha crespa, com um saião remendado, as pernas escalavradas, passou por baixo da corda que limitava o âmbito da justiça e, silenciosamente, desenrolando um avental de couro, despejou sobre o pedregullio uma grossa ferragem. Àgachando-se, então, poz-se a escolher cravos, experimentando-lhes a ponta na palma da mão callosa e, tomando três dos mais agudos, adiantou-se de vagar, d'olhos fitos no rabbino.

Então um legionario moço desligou os pulsos vincados do martyr e, impondo-lhe as mãos brutas ao peito macilento, ripado pela ossatura saliente, levou-o, aos safanões, até o cruzeiro que jazia, em terra, com a base chegada a uma cova, e, com um empurrão, derrubou-o nas pedras, porque era todo um rebo áspero de cascullio o ponto da montanha, onde se realisavam os supplicios.

Dois legionarios, alagados em suor, com

os capacetes atirados para as costas, arrastaram o nazareno, deitaram-no a fio sobre a cruz e o homem escuro, cavalgando-o, tomou-lhe um dos braços, esticou-o, espalmou-lhe a mão e, impondo um cravo, bateu-o. O sangue espirrou em esguicho, correu em jorro, empastou-se em coágulo.

Saltando ágil sobre o tronco do condenado impassível estivo-lhe o outro braço e, de novo, o martello troou em pancadas que os ecos redobravam. Repuxou os braços pregados, mirou-os e, d'um salto, passou á base do cruceiro, juntou os pés de Jesus e, fincando o cravo, martellou com furor, a mãos ambas, arfando.

Um tremor percorreu todo o corpo do paciente, a boca abriu-se-lhe lentamente, como em bocejo, cerraram-se-lhe os olhos e mais livido se lhe tornou o rosto marejado de suor.

Já dois soldados passavam uma corda no alto da cruz. Houve um brado e os legionarios, curvando-se, com as pontas da corda pelos hombros, avançaram tirando esforçadamente o madeiro que outros empurravam e lá se foi erguendo o poste, escarvando a borda da cova; súbito, um resvallo, afundou na terra e ficou de pé, oscillando.

Logo o homem que pregara os cravos metheu as cunhas, accumulou pedrouços reforçando o amparo e o sangue da victima pingava em gottas lentas. Dois mastros, rubros como arrecadas de coral, penderam dos braços, um fio sinuoso correu dos pés e a multidão irrompeu em grita vendo o rabbino sacrificado, com uma tanga de Unho grosso em torno dos rins, os cabellos escorridos, empastando-se-lhe na fronte laivada pelos espinhos da coroa de junco.

Então os soldados, dando por concluido o fúnebre serviço, lentamente afastaram-se buscando sombras. Uns, despindo a couraça, pendurando os capacetes, estenderam-se sobre os mantos; outros, em circulo, puzeram-se a jogar, chalrando. Acharam a túnica de Jesus. Um delles abriu-a, examinou-a e mostrando-a, a rir, propoz um preço. «Será de quem a ganhar ao jogo !» bradaram. E foi um tumulto, uma alegre algazarra.

Entre o povo vozes apregoavam refrescos e bolos. Uma mulher ia e vinha offerecendo figos em voz larmirienta.

Nesse momento o ladrão, que não cessava de .resmungar, voltando a cabeça, disse em tom atrevido :

«Se és o Christo, livra-te e a nós...» O outro, porém, reprehendeu-o :

—Nem te commoves do soffrimento, cuja dôr conheces. Tu e eu fizemos por elle, mas que fez este justo por merecê-lo ? E, docemente, inclinando-se para Jesus, implorou :

— Senhor, lembrai-vos de mim quando vos virdes no céu.

E o martyr respondeu docemente :

— Em verdade te affirmo que hoje serás commigo no paraiso.

Duas mulheres sahiram da multidão e, seguidas por um mancebo louro, chegaram-se vagarosamente á cruz.

A mais moça era linda, alta e branca, loura, d'olhos muito azues e amparava a mais idosa, que era Maria.

Ao verem-nas, os da turba logo sussurraram:

— É a de Magdala. A que vivia perto da fortaleza e tinha escravas negras e auletridas vindas das ilhas gregas. E citavam-se nomes de sadduceus abastados, de romanos perdulários que a procuravam e que, por ella, se haviam perdido.

— Dizem que se desfez de tudo, até do seu patrimônio, cedendo aos pobres o ultimo obulo.

— Enamorou-se do nazareno. Ouvia-o chorando, seguia-o descalça e, quando elle parava, estendia-se-lhe aos pés, e sorrindo, com toda alma nos olhos, ficava-se a contemplá-lo. Lavou-lhe, certa vez, os pés com essência de nardo,, enxugou-os com os próprios cabellos. Riram.

E as duas mulheres pararam defronte do cruzeiro. A de Magdala chorava. Maria mal se sustinha ; vergava, cambaleava nos braços do louro inancebo, que era João, o apóstolo mais moço. Olhava, estendia os braços e dos lábios seccos não lhe sahia palavra. Então, o meigo discipulo sentou-a aos pés da cruz e ali ficou a Dolorosa immovel, de olhos muito abertos, estremecendo, sem um gemido, sem uma lagrima.

Da turba partiam chufas — eram phariseus que intimavam o Christo a realizar um milagre. Martyrisavam-no com os próprios beneficios que elle fizera, atiravam-lho em rosto, á maneira de injurias, as suas proprias misericórdias.

— Não deste vista aos cegos ? Não fizeste andar os paralyticos ? Não resuscitaste os mortos ? Tira-te d'ahi. Chama os teus anjos.

Outros protestavam furiosos contra a le-

genda que encimava o cruzeiro, na qual Jesus era inculcado como Rei dos Judeus.

Servos do Templo faziam pelotas de barro e atiravam-nas á cruz. De repente, com um rangido, o corpo do martyr estorceu-se e palavras sahiram-lhe da boca :

— Mulher, eis ahi o teu filho. ..

Falava de João á Maria e, como o discipulo o encarasse, disse-lhe :

— Eis ahi a tua mãe.

E calou-se.

Não teve Maria coragem de levantar os olhos — ficou encolhida, tremendo como em frio intenso. A grita do povo não a tirava da immobilidade trágica, toda ella entregara-se ao soffrimento, só attendendo ás oscillações do cruzeiro no qual se encostara.

As nuvens cresciam no céu tenebrosas, encobrando o sol; rolavam trovões á distancia, azas estalavam no ar pesado e o calor tornava-se insupportavel. Foi então que, enfraquecidamente, o Christo murmurou com um estremeção violento :

— Meu Deus! Meu Deus ! porque me desamparais ! ?

Andavam os soldados em volta da cruz cantolando, e como outras mulheres se apro-

ximassem, entraram a chasqueá-las. Offereciam-lhes *posca*, acenavam-lhes com punhados de tamaras ou pediam-lhes noticia do famoso propheta que revijava os campos seccos e restituia a vista aos cegos, sarava os leprosos das ruinas, defendia os pequeninos.

Pouca gente estava nas immediações. Temendo a tempestade, que se armava, a maioria descera em alegre arranchada cantando, bailando por entre a urze e os cardos dos caminhos pedrentos.

Foi em meio do silencio que a voz de Jesus soou quasi extincta :

— Tenho sede.

Maria ergueu-se d'impeto, mas faltaram-lhe as forças; oscillou, foi d'encontro ao cruzeiro. Ampararam-na. Estendeu os braços ao Filho e ficou como de pedra, a olhá-lo.

Um homem acudiu com um canna em cuja ponta havia uma esponja encharcada em vinho. Provou-a o nazareno, mas repellindo-a, disse, inclinando a cabeça :

— Tudo está consummado !

Um estremecimento sacudiu-o todo, fazendo com que se lhe abrissem mais as feridas e o sangue corresse copioso. Subia-lhe o peito em haustos, a cabeça debatia-se e,

rolando os olhos, escancarando a boca em desmedido hiato, sorveu com ânsia o ar e depois exclamou :

— Pai, em vossas mãos encommendo o meu espirito !

Ainda um instante moveu-se. Mas amollecera-se-lhe flaccidamente os braços e a cabeça, como abandonada, tombou-lhe pesada ao peito.

Com estrepito convulso a terra em torno abalou-se, o monte fendeu-se em brecha profundissima, coriscos zebraram o fundo caliginoso do céu e uma noite subita baixou.

Os soldados recuaram cheios de assombro. Alguns, atirados longe, não tiveram animo de erguer-se e ficaram a murmurar estarrecidos.

O próprio centurião, immobilizado, não teve palavra para animar a sua gente.

Só Maria, petrificada no sofrimento, não sentira a terra tremer, não dera pela treva súbita, não vira faiscarem os raios : inerte, olhos immensos, não se tirava, da attitude de êxtase doloroso.

A Magdalena lançou-lhe os braços ao pescoço, attraheu-a a seu collo, beijando-a, chamando-a. A triste Mãe não despertava, ainda

que os labios lhe tremessem e os olhos, cada vez mais brilhantes, accusasse, o ardor intensissimo da febre que a consumia.

Quiz o discipulo chamá-la á vida com o martyrio como quem procura despertar um epyleptico torturando-o, e annunciou-lhe a morte de Jesus.

A misera não deu mostras de ouvi-lo: Ali estava, era a Dôr calada, a Dôr suprema, a Dôr emparedada no coração, que se não expande e concentra-se a mais e mais. Era a paralyisia d'alma, o arroubo doloroso, o surto d'agonia.

Não tinha lagrimas: era como uma fonte estancada cujo leito estala e brilha ao sol.

Immovel, toda ella era tortura — como uma casa fechada dentro da qual se commettessem atrocidades. No exterior era a gelida indiferença, quem se inclinasse ao seu peito ouviria, o desconcertado pulsar do coração lutando com a agonía.

E os olhos parados, tão abertos, que viam em fito ? viam o Passado, todo o suave tempo, os lugares em que Elle vivera.

Via-o pequenino nas palhas de Bethleem; via-o em Matarieh, a sombra dos sycomoros; via-o em Nazareth entre as figueiras; via-o

em Jerusalem, no Templo. Depois... Oh! as saudades, as longas esperas, as apprehensoes, o medo ...

Elle. perdido e só d'Elle a fama dos milagres, das misericordias, das benções.

Onde ella passava e via um vinhal viçoso, logo lhe diziam : « Era uma velha cepa. Jesus tocou-a e logo empampanou-se e encheu-se de racimos». Homens que encontrava pelos caminhos, lavando as chagas na agua escassa dos corregos, pediam-lhe noticias de Jesus ; cegos "bradavam o seu nome; paralyticos arrastavam-se ao seu encontro; criancinhas reclamavam-no e a sua bondade infinita era acclamada por todos, gentes de todas as terras procuravam o seu rastro "bradando o sou nome e elle parava, attendia a todos, sorrindo. E ali estava...

Quiz levantar-se, vê-lo ... e tombou nos braços das mulheres como ferida de morte.

VI

Jesus golpeado pela lança e descido
da Cruz

Toda a cidade alvoroçou-se com os phenomenos que se deram no instante em que expirou Jesus e mais com as noticias que chegavam de varios pontos, principalmente das immedições do Golgotha, trazidas por zagaes e lavradores.

Nas ruas, nas praças, refervia o povo, que abandonara as casas, em açodado tumulto, com receio de ficar sob as minas se a terra outra vez tremesse.

E formavam-se grupos em torno dos que chegavam espantados, narrando prodígios.

Aqui, era um servo do Templo e referia que, estando a lavar as lages, sentira-se, de súbito, envolto em trevas; tora depois um clarão como de muitos soes e estrondo de

sem que alguém nelle estivesse, rasgar-se, d'alto a baixo, o véu do santuário.

Ficara um momento sem poder tirar-se da posição em que cahira, logo, porém, que conseguira levantar-se, com todo o sangue gelado, deitara a correr annunciando o que vira. Os sacerdotes lá foram e todos pasmaram em silencio sem achar explicação para o caso estranho.

Um pegureiro, ainda tremulo, voltando-se, attonito, para o lado do monte, dizia :

— Ali em baixo, entre penhas, andavam soltas as minhas cabras. Tenho ali o corveiro e o colmado em que durmo. Nunca houve em tal sitio caso algum que m'o fizesse temer. Cantava cosendo as hervas do meu jantar quando, subitamente, densas trevas cercaram-me : senti-me como em sepulcro e logo, accendendo-se uma claridade, todos os rochedos estalaram com estampido, abriu-se a terra em brechas e as minhas cabras, ai! de mim, abysmaram-se em precipicios profundos.

Entre todos, porém, o caso que mais aturdiu e espantou foi o de uma mulher, que tão depressa abalara do campo que lá deixara toda a sua fortuna, que eram alguns *meaks*

e o seu gigo de uvas colhidas com desvello na sua vinha, que seccara.

E disse a misera:

— Vinha eu de vagar, cantando, quando o céu escureceu e lampejaram relâmpagos e rebentaram trovões. Achei-me entre brancos sepulcros. Atordoada, encosto-me a um d'elles e eis que a pedra por si mesma se afasta docemente, e silenciosa como as nevoas passam á flor dos outeiros nas manhans de inverno, e um morto, que ali jazia, sobe do fundo da terra, envolve-se na mortalha e, sem que os pés toquem o solo, parte, desaparece entre as arvores. Outros tumulos lançam de si os seus hospedes e eu os vejo a todos, a alguns reconheço. Vão-se, somem-se; e o ar embaisama-se com o cheiro das essências e eu fico tombada, transida de medo, entre os sepulcros vazios, sentindo a terra tremer e as lages arrastarem-se surdamente, de vagar.

Todas as vinhas ficaram esturricadas e as figueiras morreram. Fontes que nunca negaram agua estão seccas. Que terá havido ? Ai! de nós, pobresinhos...! e, como as nuvens se acastellassem em rolos negros, crescia o pavor do povo. Aves cruzavam-se nos ares, com gritos trágicos e

A gente dos campos entrava, a cidade esparvada referindo o que vira e, como do uma casa sahisse um velho, que todos sabiam entrevado, e corresse, com as grandes barbas ao vento, parando, de instante a instante, para apalpar as pernas que se lhe haviam destravado, conduzindo-o com ligeireza fácil, o povo precipitou-se empós elle, chamando-o, bradando-lec o nome. E o velho lançava os magros braços acenando para o céu turvo e corria, sem mostrar fadiga, gosando a delicia d'aquella liberdade.

No próprio palacio do governador era desusado o movimento — roldas de legionarios passavam em marcha accelerada, soavam buzinhas. A cidade estava toda em alvoroço.

Os mercadores, abandonando as lojas, saídam a noticias mettendo-se nos grupos, confundindo as suas tunicas com as pelles sordidas dos pastores airados, que não se atreviam a voltar ao campo e acolhiam-se, com medo, aos pateos, mettiam-se nas alfurjas, murmurando preces, beijando devotamente os seus amuletos.

Dois homens, com ordens de Pilatos, levando aos hombros pesadas barras de ferro, chegando ao Golgotha, procuraram o centu-

rião e, depois de ligeiras palavras, trocadas em voz baixa, encaminharam-se para o lugar em que avultavam as cruzes e, descansando as barras, ficaram, um momento, a olhar os pacientes.

Os ladrões ainda viviam. Um d'elles, o que desafiara Jesus a fazer um milagre, debatia-se contorcendo-se em grande desespero, como procurando arrancar-se do poste. A barba, negra e dura, crescia-lhe no rosto como um sarçal em barranca, os cabellos empastavam-se-lhe na fronte, os olhos chispavam, queimavam.

O outro, a boca aberta, os olhos languidos, amortecidos sob as pendidas palpebras, arquejava com ânsia e, de instante a instante, um gemido escapava-se-lhe do peito vincado pelas costelas. Um dos homens adiantou-se e, sorrindo sinistramente, falou ao ladrão mais robusto :

— Éh ! lá, amigo. Sempre é melhor a vida livre na estrada que os mercados frequentam. Tinhas o teu fojo e afiavas a faca no lombo das pedras. A noite, mal ouvias vozes ou tropel d'animaes, sabias com os do teu bando e, d'um salto, estavas sobre a victima que marcáras. Que te importava o san-

gue ? O golpe era certo e o saque pagava o trabalho e a vigília. Eras homem de acção e deves sentir essa immobilitade. Para um rapaz como tu, convenho que a posição não é lá das mais commodas. Vamos acabar com isto.

O ladrão lançou-lhe um olhar faiscante de odio e, vendo-lhe a barra em punho, teve um arripio, tentando instinctivamente encolher as pernas.

Já resoavam pancadas surdas cortadas por gemidos — era na cruz de Dímas, o bom ladrão, primeira victima do crurifragium.

O carrasco que falara, como para alongar a agonia do criminoso que lhe coubera e que continuava a ameaçar, a injuriar, sentou-se numa pedra, com a barra deitada sobre os joelhos. E zombava com um risinho cruel:

— Encolhes as pernas ? Se é para as fazer menores não te dê isso cuidado, deixa por minha conta. Em tal serviço não ha, mesmo em Roma, quem se possa medir commigo.. Garanto-te que has de ficar satisfeito.

Os assistentes, que se ajuntavam além do limite traçado pelo centurião, riam das zombarias do carrasco. E elle levantou-se, tomou a barra a mãos ambas, meneou-a.

O ladrão soltou um urro feroz e sacudiu-se com tal violencia que a cruz ficou longo tempo oscillando.

Outro golpe e as pernas dobraram-se, o corpo escorregou sem apoio, ficando apenas mantido pêlos braços retesos.

O sangue escorria grosso, denegrado, empoçando-se na terra e os ossos appareciam em estilhas atravez da carne triturada.

Soldados, curiosos do espectaculo, agruparam-se diante da Cruz. Como o ladrão continuasse a rugir, debatendo-se nos estrebucos da agonia, o carrasco amiudou os golpes, macerando-lhe as pernas retalhadas, e a barra, de espaço a espaço, batia surdamente nas carnes esmagadas fazendo saltar esquirolas.

Por fim, cerrando os olhos, conservando a boca escancellada e retorcida, o desgraçado expirou.

Dimas pouco havia resistido.

Os dois carrascos, limpando o suor da fronte, já se dirigiam para a cruz de Christo quando viram, immovel. os olhos estanques, as mãos abandonadas ao collo, Maria sentada junto ao madeiro.

— Quem é ? perguntou um d'elles.

— É a mãe do rabbi, disse o centurião, de nome Longuinhos.

— É preciso arredá-la.

— Que ides fazer ? Não vedes que está morto? E, para provar o que affirmava, levantando a lança abriu urna ferida no flanco de Jesus. D'ella escorrendo sangue e agua., uma gotta foi, maravilhosamente, aos olhos do soldado que logo se rojou em terra cheio de arrependimento, chorando, convertido pelo remorso, adorando aquelle cadaver em que residira o espirito divino.

Maria estava insensível—nem as suas roxas palpebras batiam. Julgando-a morta, Magdalena ajoelhou-se-lhe aos pés, chamou-a. A Virgem não fez o mais leve movimento — mas o coração batia.

Ó misero coração ! Todas as forças da infeliz estavam nelle concentradas, em torno da magua. Toda a vida refugiara-se naquelle santuario do soffrimento : os soluços, as lagrimas, as deprecações, tudo lá estava, não havia passagem para o menor allivio.

Os que choram dispersam tormentos, os soluços arejam o coração. Maria tinha a Dôr trancada e ali estava aparentemente insensível.

Era a superfície enganadora, a parede de um carcere dentro do qual o carrasco, lentamente, abafando todos os gritos, suppliciasse a victima.

Nem quando José e Nicodemos retiraram o cadaver da cruz a inieliz ponde soltar as lagrimas : olhava immovel e muda. E vagarosa, amparada por Magdalena e João, desceu a montanha seguindo o corpo amado, tão impassivel, d'olhos tão enxutos que só os que a levavam sabiam que ia ali a Dôr, a immensa, a inenarravel Dôr, tão grande que não cabia em queixas, em lagrimas, em soluços.

VII

Jesus encerrado no sepulcro

Era num horto, entre rosaes.

O silencio e a amenidade tornavam-no o ponto favorito dos passaros que por elle andavam esvoaçando de ramo em ramo ou pelo saibro, nos relvedos, á beira do rego por onde sempre discorria um fio d'agua.

Sycomoros robustos alargavam sombras repousadas e, contrastando com a belleza e com a fartura do sitio, uma rocha, escavada e negra, toda cercada de cardos, avultava monstruosa e melancolica. No flanco fora cavado um jazigo, que pertencia a José de Arimathéa. Alli fôra deposto o cadáver do Martyr.

O perfume das essências funeraes embalsamava o ambiente : aroma triste, de morte, que commovia.

Caiados, os discipulos, que haviam acompanhado o corpo áquelle repouso, rodeavam a rocha, encostados aos troncos ou diante do sepulcro, ajoelhados, chorando.

A noite descia calmae estrelada. Cantavam cigarras e longe, como a Paschoa estava proxima, estrugiam vozes festivas, resoavam cymbalos.

Maria, sempre amparada pela Magdalena, quedara contemplativa ante o bruto rochedo. As lagrimas rebentavam-lhe dos olhos, os labios entreabriam-se-lhe deixando passar suspiros.

De repente, tocando a pedra, apalpando-a, murmurou :

— Tão fria!

— Que sentis, Senhora? perguntou João adiantando-se sollicito.

E ella, de novo, murmurou :

— Tão fria! E dizer que é tudo quanto me resta ! Toda a minha fortuna aqui jaz. Eu era tão venturosa que meus passos felizes abençoavam a terra; a minha alegria era uma claridade que alumiaava. Nunca invejei! Que podia eu desejar mais neste mundo se o tinha, a Elle, meu Filho ? Contemplando-o, recordava todo o passado e era sobre a sua

cabeça que meus olhos viam o futuro. Meu horizonte !

Quando o via vir pelos caminhos claros, dobrado de fadiga, o meu coração ficava tão contente como ficam as flores, depois de um dia de sol, quando o ar refresca annunciando o orvalho.

A sua. voz era a musica que embalava minha alma e chamar-lhe Filho era para mim felicidade tamanha que, ainda na sua ausência, esse nome era o brinquedo dos meus labios. Ai! de mim... A minha vida encravou-se na pedra!

E eu hei de andar sósinha, e hei de ouvir a outras mãis aquillo que me não é dado dizer. Filho ! Filho ! Filho !

Este nome devia desaparccer da terra; para mim não existe, é uma palavra que findou, uma alegria que se extinguiu. Não sahirei, ninguem mais me verá.

Aqui fico, eu e a Morte, minha companheira. E que fez Elle ? Foi bom, amou, quiz ser generoso e aqui está para o sempre.

A Magdalena inclinou-se-lhe ao hombro segredando-lhe uma consolação :

— Resurgir, dizes. Ha de resurgir... E eu ? Cuidas que terei tanta força que espere tres

dias, que passe todo esse tempo sem vê-lo, sem ouvi-lo ? Ainda que elle volte, ai ! de mim, não mais encontrará vivo o coração que o amou. Sinto que me desfaço em lagrimas. E tudo, em volta de mim, rejubila : os pássaros cantam, os ramos agitam-se e brilham estrellas no céu. Pois é possível que não saibam que morreu meu Filho ? É possível ? Nos dias tristes toda a terra entristece e porque ha de a natureza ser indifferente á tristeza de uma alma ?

Rocha, agora és tu que o trazes, Elle jaz no teu seio, é teu Filho. Ai! de mim.

A Magdalena, posto que se conservasse ao lado da Dolorosa, mal ouvia as palavras que lhe saham dos labios. Não eram vozes, senão um sussurro tirado pela dôr como o murmulho das folhas á passagem do vento.

João, lembrando-se das ultimas recommondações do Mestre, tentou serenar o coração de Maria:

— Aquietai-vos, Senhora. Sois Mãi, é certo, e, por isso mesmo, mais do que todos deveis confiar na sua palavra. Elle veiu á terra conhecer a agonia humana, despiu-se da grandeza, divina e vestiu-se de soffrimentos.

De vós nasceu e chorou ao entrar na vida, sendo recebido pelo frio.

Crescera na pobreza, fez-se homem entre os simples.

Trilhou as estradas mais ásperas ao sol e á chuva ; visitou enfermos, ouviu oprimidos, verificou injustiças, conheceu a fome e a sede, a dôr das enfermidades e o peso das ingratidões.

Fez o milagre o foi apapado ; distribuiu o pão e deram-lhe o fel; resuscitou os mortos e acabou em uma cruz. Sorve, até a ultima gotta, o calice amargo e, a esta hora, já está no céu pedindo a seu Pai a misericordia para os homens.

O que agora lamentais não é o soffrimento, porque esse findou para Jesus ; lamentais a vossa solidão.

Mas os justos não morrem, porque deixam na terra o beneficio que os eteruisa.

É noite, não ha signal de sol no céu, mas escutai o crepitar do alfôbre : são as sementes que rebentam, porque o sol aqueceu-as e fecndou-as. Virão arvores de sombra e fruto.

Elle aqui jaz sepultado no seio da pedra. Ide, porém, por todas as estradas e vê-lo-eis

vivo o eterno. Elle é a esmola, Elle é a cura, Elle é a consolação, Elle é a prece.

A malga que o lavrador entrega ao mendigo faminto, foi Jesus que a encheu. O homem que espreme o balsamo na chaga do ferido foi guiado por vosso Filho. A mulher que se precipita para serenar o coração da viuva, ouve-lhe a voz celestial e cumpre a sua ordem e a criança que se ajoelha, junta as mãos e ora, eternisa na prece a grande Fé que ha de consolar as almas.

O que ahi jaz pertence á terra, é o corpo. Não o choreis — levantai os olhos para o céu, lançai-o sobre o inundo afflictio e vereis que o vosso Filho vive.

— Oh! palavras que soam. Fazes commigo o que fazem as mais com os pequeninos: queres que eu adormeça e cantas, Deus! E tinha eu força para trazer um Deus... ? Sim, dizes bem... Deus! Só um Deus podia soffrer tanto e sem queixa, como Elle soffreu. Mas, ai! de mim, sou mulher, sou humana e as dores são muitas para a minha fragilidade.

Sabes que é um coração de mãe ? Eu mesma não sei como resisto a tamanha agonia.

A dor sustenta. Olho para todos os lados e

vejo tudo deserto. O rumor que ouço é como o atrôo d'uma caverna. Estou no vazio, na solidão.

Antigamente — ainda hontem ! — mal anoitecia, eu ficava a esperá-lo. Se o vento sacudia a porta, logo me precipitava. Quantas noites passei em vigilia vendo, em vez d'Elle, entrar o sol da manhan.

Sabia-o longe e, quando me vinham referir os seus milagres, eu. chorava, invejando o enfermo que fora tocado pelas suas mãos, o morto que se levantara ao som da sua voz, o rochedo esteril que rebentara em fonte a seu mandado.

Elle andava a maravilhar as gentes e eu, ai! de mim, tão só, tão triste, sem, ao menos, poder vê-lo, ouvi-lo, porque Elle trocava o meu amor pela Humanidade e deixava os meus beijos sem pouso como avesitas perdidas nos mares largos que, exhaustas de voar, cahem e perecem na vaga. E agora...! É Deus, dizeis vós... E eu sou mãe. Ai! de mim.

Disse e, enlanguecendo, tombou como morta nos braços de Magdalena.

A noite scintillava estrellada e aves cantavam, ao luar, no horto que recendia.

INDICE

I — A prophiecia no Templo	7
II —A fuga para o Egypto	21
III — Jesus no Templo	41
IV — Maria encontra Jesus no caminho do supplicio	57
V — A morte de Jesus.-	69
VI —Jesus golpeado pela lança e descido da Cruz.	85
VII — Jesus encerrado no sepulcro	97